

CHARLIE DONLEA

Autor do best-seller **A GAROTA DO LAGO**

# OLHOS VAZIOS

*Ela mudou o nome e a aparência...  
mas nada pode apagar o que testemunhou.*

 FARO  
EDITORIAL



**OLHOS VAZIOS**

## **Livros de Charlie Donlea**

*A Garota do Lago*

*Deixada para trás*

*Não confie em ninguém*

*Uma mulher na escuridão*

*Nunca saia sozinho*

*Procure nas cinzas*

*Antes de partir*

*Olhos vazios*

CHARLIE DONLEA

# OLHOS VAZIOS

*Tradução:* Carlos Szlak

 FARO  
EDITORIAL



# MCINTOSH, VIRGÍNIA

15 DE JANEIRO DE 2013

O pecado era um mistério. Algumas pessoas acreditavam que os pecados passavam despercebidos e podiam ser cometidos sem consequências. Outras se arrepiavam, convencidas de que um Deus onipotente testemunhava todos os arbítrios e perdoava incondicionalmente. Porém, aquela pessoa, usando botas e um sobretudo longo e folgado, acreditava em outra coisa: os pecados mais graves deveriam ser sempre percebidos e nunca perdoados, e aqueles que os cometiam deveriam ser punidos.

Enquanto a família dormia, a pessoa subiu com cautela a escada. No andar superior, aproximou-se da suíte principal e usou o cano da espingarda para abrir a porta. As dobradiças rangeram, rompendo o silêncio da casa. A porta se abriu, deixando espaço suficiente apenas para que pudesse passar. A pessoa entrou e caminhou até o pé da cama. A respiração suave da mulher podia ser ouvida entre os roncos animalescos do homem deitado ao lado dela. A pessoa ergueu a espingarda e a apoiou com firmeza no ombro, o lado direito do rosto encostado no metal frio, a fim de que o cano apontasse para o homem. Um dedo foi ao gatilho, fez uma breve pausa, e então o apertou, desencadeando um estampido ensurdecedor. O peito do homem adormecido se desfez em pedaços em contato com o chumbo. Desorientada, a sua mulher se sentou depressa. Em sua confusão, ela não chegou a ver a pessoa junto ao pé da cama ou o cano da espingarda apontado para ela. Um segundo estampido fez seu tronco ricochetear na cabeceira da cama.

De um dos bolsos do sobretudo, a pessoa retirou três fotos e as deixou na cama. Quando o barulho dos tiros se dissipou, as tábuas do assoalho rangeram do lado de fora da suíte. Abriu depressa o cano da espingarda, permitindo que os cartuchos usados fossem ejetados. Com as mãos protegidas por luvas de látex, pegou dois cartuchos carregados do outro bolso do casaco, encaixou-os no carregador, fechou o cano e apontou para a porta da suíte. Depois do que pareceu ser uma eternidade, as dobradiças voltaram a ranger e a porta se escancarou, expondo um garoto parado na entrada do quarto.

Raymond Quinlan tinha treze anos. Era uma idade problemática para a pessoa que atirou: velho o bastante para ser uma testemunha viável, mas jovem demais para tornar a próxima decisão desafiadora. Enquanto Raymond se esforçava para entender a cena diante de si, a pessoa não deu tempo para o

garoto se nortear. Apontou a espingarda para o peito de Raymond e o estouro ensurdecedor de um terceiro tiro ecoou por toda a casa.

Enquanto o choque da detonação ricocheteava nas paredes da suíte, a pessoa sentiu a melancolia começar a se manifestar, mas logo a deixou de lado. Haveria tempo para desalento após o término da missão. Um trabalho que, momentos antes, havia sido concluído, agora estava apenas setenta e cinco por cento completo. A pessoa saiu rápido do quarto. Raymond estava caído no corredor, com uma poça de sangue se espalhando pelo piso de madeira. Uma última e rápida olhada para a suíte mostrou os cartuchos se destacando no lugar em que caíram no tapete. Mas não eram motivo de preocupação. Nem a arma em si. Na verdade, o plano era deixar a arma ao pé da cama ao final da noite, mas Raymond tinha estragado tudo. Passando por cima do seu corpo, a pessoa acelerou o passo pelo corredor rumo ao quarto mais distante. Havia outro membro da família na casa que agora exigia atenção.

Ao chegar ao final do corredor, a pessoa voltou a usar o cano da espingarda para abrir a porta do quarto. Dessa vez, porém, ela não se moveu. Permaneceu fechada. Girando a maçaneta e confirmando que estava trancada, a pessoa ergueu um dos joelhos e apontou a bota para a porta. A madeira lascou, mas não cedeu. Um segundo golpe a arreventou, soltando a dobradiça superior do batente e deixando-a dependurada. Ao entrar no quarto, a pessoa percebeu que a cama estava vazia, mas as cobertas estavam desarrumadas. Apoiando a palma da mão no lençol, sentiu que ainda estava quente. Alguém esteve deitado ali minutos antes. Depois de se afastar da cama, sua atenção se voltou para o armário. A porta de vime estava fechada. Aproximando-se, a pessoa usou o cano da espingarda para bater nela.

Diante da falta de resposta, a pessoa girou a maçaneta e abriu a porta devagar. Mas o armário, assim como a cama, estava vazio. Foi então que o ar frio da noite atingiu suas panturrilhas, abaixo da bacia do sobretudo. Do outro lado do quarto, as cortinas da janela esvoaçavam com o vento noturno que passava pelo parapeito. Depois de correr até ali, a pessoa afastou as cortinas para o lado e abriu totalmente a janela. A tela de proteção jazia abaixo, no caminho de acesso aos fundos da casa, solta da moldura, indicando que o último membro da família havia escapado por ali.

Era um problema. Uma falha grave gerada por um erro de cálculo, mas não o único que a pessoa cometeu naquela noite.

PARTE I

# A ÚLTIMA TESTEMUNHA

*Se houver sangue, a audiência está garantida.*

— Garrett Lancaster





**OUTONO  
DE 2013**



# 1

*Tribunal distrital*

*Quinta-feira, 26 de setembro de 2013*

*15h05*

## **GARRETT LANCASTER SE ENCAMINHAVA PARA A TRIBUNA,**

enquanto as câmeras de televisão registravam todos os seus movimentos, e milhões de telespectadores assistiam à cobertura ao vivo. O processo de Alexandra Quinlan contra o estado da Virgínia por difamação havia atraído a atenção do país. Desde a noite do assassinato da família Quinlan e da prisão da filha de dezessete anos pelas mortes, o público havia ficado fascinado por Alexandra Quinlan. Primeiro, quando ela tinha sido acusada pelo crime e tachada de assassina sádica. E depois, ao ser inocentada após surgirem evidências que provavam a sua inocência. E sobretudo naquele momento, quando Alexandra tinha dado a volta por cima e processado o estado da Virgínia, alegando que o Departamento de Polícia de McIntosh e a promotoria distrital de Alleghany não só prejudicaram a investigação do assassinato da sua família, mas também arruinaram a sua vida ao longo de todo o processo.

Por causa da atenção midiática recebida pelo assassinato da família Quinlan, o caso de Alexandra foi priorizado. Previsto para durar duas semanas, o julgamento estava dentro do prazo. Nos primeiros dias — de segunda a quinta-feira de manhã —, os jurados ouviram os depoimentos de uma lista cuidadosa de testemunhas convocadas em ordem estratégica por Garrett Lancaster. Agora, Garrett tinha a tarde de quinta-feira e toda a sexta-feira para terminar de expor a sua posição. Ele planejava preencher esse espaço de tempo com o depoimento de apenas duas pessoas, as suas duas últimas testemunhas. Se tudo corresse conforme o planejado, os advogados de defesa do estado da Virgínia permaneceriam em silêncio nos dois últimos dias dedicados à argumentação da acusação. Os defensores não ousariam atacar o depoimento ouvido naquela tarde e nem mesmo *pensariam* em interrogar a testemunha no dia seguinte.

Garrett sabia da situação insustentável em que estava prestes a colocar a equipe de defesa do estado. Sabia disso, porque geralmente trabalhava como advogado encarregado de defesas. Foi apenas por meio de um conjunto bizarro de circunstâncias que ele se viu na situação incomum de ser o advogado de acusação representando Alexandra Quinlan em seu processo contra o estado da Virgínia por difamação. Garrett, sócio-diretor de um dos maiores escritórios de advocacia da Costa Leste dos Estados Unidos, era um advogado de defesa por vocação e, portanto, estava na posição privilegiada de conhecer muito bem os seus adversários.

Garrett havia concebido a sua estratégia com bastante cuidado. Apesar da tentação de permitir que os membros do júri ouvissem o depoimento das suas duas testemunhas-chave no começo da semana, no início do julgamento, quando era mais fácil impressionar os jurados, ele guardou o depoimento delas até aquele momento: a tarde de quinta-feira e a manhã de sexta-feira. O plano era concluir as coisas na manhã do dia seguinte, antes do almoço, e depois convencer o juiz a suspender a sessão por causa do fim de semana. Garrett queria que os depoimentos das suas duas últimas testemunhas — assim como as expressões, as lágrimas e a voz embargada delas — ficassem bem vivos na mente dos jurados durante o fim de semana. Ele gostaria que os depoimentos perdurassem por dois longos dias até os membros do júri se reunirem outra vez na manhã de segunda-feira para ouvir os advogados do estado da Virgínia exporem a sua defesa contra as alegações de Alexandra de que o Departamento de Polícia de McIntosh era incompetente e que a promotoria distrital de Alleghany era corrupta.

— Meritíssimo — Garrett disse após chegar à tribuna. Vestido com um elegante terno azul-marinho e gravata amarela, ele organizou as suas anotações sem pressa, transmitindo serenidade e confiança. Ele sabia que milhões de telespectadores estavam sintonizados e não se esquivou da atenção. Na casa dos cinquenta anos e bem-apegoado, Garrett sabia como usar a sua aparência para lidar com jurados e não era nenhum amador quando se tratava de casos importantes. — A acusação chama Donna Koppel.

Donna Koppel, primeira policial a chegar à casa dos Quinlan na noite de 15 de janeiro, foi a primeira a entrar na casa, a primeira a subir a escada e a primeira a testemunhar a chacina na suíte principal. Os outros quatro policiais que haviam atendido ao chamado da casa na Alameda Montgomery, 421 já tinham testemunhado. Com habilidade, Garrett tinha usado os depoimentos daqueles quatro policiais para expor aos jurados exatamente

o que eles encontraram na cena do crime. Seus depoimentos foram idênticos: cada um deles descreveu a carnificina de uma família assassinada no meio da noite. Cada um deles revelou que encontrou uma jovem, identificada como Alexandra Quinlan, sentada no chão do quarto do casal, segurando a espingarda utilizada para matar os pais e o irmão. Garrett não tinha tentado disfarçar ou suavizar a lembrança dos policiais a respeito da cena. Na verdade, ele fez questão de que cada um apresentasse relatos detalhados daquela noite: a chegada ao local, a subida para o andar superior, o avanço por cima do corpo de Raymond Quinlan para ter acesso à suíte, onde Dennis e Helen Quinlan jaziam mortos na cama.

Fazia parte da estratégia de Garrett. O fato de priorizar o depoimento de cada policial e obtê-lo em detalhes havia basicamente desarmado o interrogatório da defesa. Nada mais poderia ser apurado das testemunhas. Garrett não tinha contestado nenhum dos depoimentos dos policiais acerca do que viram e encontraram quando entraram na casa dos Quinlan. Pelo contrário, Garrett considerou a lembrança dos policiais como verdade absoluta e comprovou que o depoimento de cada policial correspondia perfeitamente com o dos outros: uma noite pavorosa que havia chocado cada um deles num grau extremo, e uma cena do crime perturbadora que tinha escandalizado o país.

No começo da semana, Garrett tinha convocado peritos forenses para depor. Eles atestaram que a arma utilizada para matar a família Quinlan era uma espingarda Stoen Coach calibre 12, de cano duplo paralelo e ação basculante pertencente ao sr. Quinlan. Na manhã de terça-feira, no tribunal, Garrett havia apresentado de maneira dramática a espingarda aos jurados. Quando Garrett os indagou, muitos membros do júri admitiram que, a não ser na televisão, nunca tinham visto uma arma de verdade. Garrett sabia que, pela seleção dos jurados, oito deles não possuíam experiência com armas, enquanto quatro tinham porte de arma. O ato de segurar a arma utilizada para matar três pessoas e permitir que os jurados a vissem de perto foi surpreendente. Mas aquilo também fazia parte do plano de Garrett. Ele fez aquilo para que, quando trouxesse a arma novamente na manhã do dia seguinte e interrogasse a sua última testemunha, a espingarda parecesse menos letal e mais comum. A arma não colocaria Alexandra Quinlan no papel de uma assassina adolescente demente, mas sim no de uma jovem inteligente, o que de fato ela era.

Porém, essa parte do espetáculo estava reservada para o dia seguinte. Naquele dia, Garrett permaneceu na tribuna e ouviu o som dos saltos altos de Donna Koppel percorrerem o corredor central do tribunal acompanhado pelos sussurros dos seus colegas policiais na plateia. Toda a força policial de McIntosh considerava uma traição o depoimento que Donna estava prestes a dar. As coisas ficaram tão ruins no período anterior ao julgamento que ela havia tirado uma licença do Departamento de Polícia de McIntosh. A licença estava programada para vigorar ao longo da duração do julgamento, mas Garrett considerava que as chances de Donna voltar à força policial de McIntosh eram mínimas.

Donna empurrou a portinhola de madeira e passou por Garrett. Ele percebeu o rápido olhar de relance que ela lhe lançou no caminho. Se um olhar pudesse matar, ele teria caído morto no chão. Em vez disso, pelo breve contato visual de Donna, Garrett captou o pensamento predominante dela: *Espero que você saiba o que está fazendo.*

Donna sentou-se no banco das testemunhas.

— Por favor, levante a mão direita, senhora — o juiz disse do banco à esquerda dela.

Donna obedeceu.

— Jura dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade, em nome de Deus?

— Juro.

— Senhor advogado — disse o juiz, acenando com a cabeça para Garrett.

Parado atrás da tribuna, ele reservou um momento para folhear algumas anotações. Naquele momento, a protelação não foi para impressionar os jurados com o seu domínio do tribunal. Era para dar a Donna uma oportunidade de ela tomar um fôlego para se recompor. Ao perceber que ela tinha se acalmado, Garrett parou de folhear as anotações e olhou para a testemunha.

— Sra. Koppel — começou Garrett —, a senhora pode revelar ao tribunal a sua função no Departamento de Polícia de McIntosh?

— Sou policial.

— Há quanto tempo a senhora trabalha no departamento?

— Dezoito anos.

— E a senhora atuou como policial o tempo todo?

— Sim.



— A senhora está trabalhando como policial *atualmente*?

— Estou de licença no momento.

— Por quê?

Donna engoliu em seco.

— Meu depoimento desta tarde não é bem-visto dentro da força policial de McIntosh.

— Não é bem-visto, mas não será desonesto de forma alguma, estou correto?

— O senhor está correto.

— Por que a senhora acha que o seu testemunho será malvisto?

Donna hesitou e deu uma olhada rápida para os seus colegas policiais na plateia.

— Porque vai contra a narrativa.

— Que narrativa é essa?

— Aquela apresentada pelo Departamento de Polícia de McIntosh sobre o que aconteceu na noite de 15 de janeiro, tanto na casa dos Quinlan como depois na delegacia.

— Tudo bem — disse Garrett. — Mas como ninguém aqui está tentando ganhar um concurso de popularidade, e sim buscando justiça pelos erros cometidos naquela noite, acredito que o seu depoimento é fundamental, mesmo que não seja estimado por seus colegas. A senhora concorda?

— Protesto, meritíssimo! — exclamou o advogado de defesa do estado.

— Protesto deferido — afirmou o juiz.

Garrett acenou com a cabeça para o juiz e, em seguida, olhou para Donna.

— Antes de começarmos, a senhora pode informar ao tribunal a respeito da relação existente entre nós dois.

— Somos casados.

Garrett saiu de trás da tribuna e se aproximou do banco das testemunhas.

— Oi — disse ele ao se colocar ao lado dela.

Donna sorriu e os membros do júri soltaram leves risadas.

— Oi — respondeu Donna.

— Em 15 de janeiro deste ano, a senhora estava trabalhando no turno da noite?

— Sim.

— A senhora foi acionada naquela noite?

— Sim. Eu estava em meu patrulhamento de rotina e recebi um chamado comunicando a ocorrência de tiros numa residência.

— O que a senhora fez?

— Respondi imediatamente. Eu estava a poucos quarteirões de distância.

— A senhora foi a primeira policial a chegar à ocorrência?

— Sim.

— A senhora pode nos descrever o que aconteceu naquela noite? Desde o momento em que chegou à cena do crime e o que fez e o que observou?

Donna respirou fundo e Garrett notou o nervosismo dela. Por mais que eles tivessem ensaiado em casa, não havia como recriar a tensão de se sentar no banco das testemunhas e falar para um tribunal lotado, além dos doze jurados atentos a cada palavra e das câmeras de televisão que registravam a cena.

“Vamos, querida.” Garrett encorajou a sua mulher com um aceno sutil de cabeça. “Você consegue.”

# MCINTOSH, VIRGÍNIA

15 DE JANEIRO DE 2013

00H46

**D**onna encostou a viatura junto ao meio-fio e apontou o farol do veículo para a casa, iluminando a fachada do imóvel de dois andares contra a escuridão da vizinhança. Ela estava respondendo a uma ligação da polícia, que comunicou a ocorrência de tiros na Alameda Montgomery, 421. Ela foi a primeira policial a chegar ao local. Já passava da meia-noite e não havia luzes acesas no interior da casa. Além dos poucos vizinhos parados diante da residência, o local estava silencioso.

Quando Donna estava saindo da viatura, um homem se aproximou dela. Ela o manteve a distância com um braço estendido e a mão na arma. O homem se deteve e ergueu as mãos.

— Moro na casa ao lado — disse ele. — Fui eu que liguei para a polícia.

Donna manteve ao mesmo tempo a sua atenção na casa, no homem adiante e no crescente grupo de vizinhos se reunindo aos poucos ao seu redor.

— O que aconteceu? — perguntou ela.

— Eu estava assistindo à televisão quando ouvi um estrondo. Diminuí o som da tv e em seguida ouvi outro. Então, abri a porta dos fundos e saí para o terraço. Alguns segundos depois, ouvi um terceiro estrondo. Só que dessa vez, eu estava ao ar livre e logo reconheci o som como o disparo de uma arma. Uma espingarda, deve ser calibre 12. Sou um caçador, então conheço bem esse som.

Donna apontou para a casa, para onde o farol estava direcionado.

— Tem certeza de que o som dos tiros veio desta casa?

— Porra, certeza absoluta, senhora. Desculpa a linguagem.

— De dentro da casa?

— Sim, senhora.

Com o olhar fixo na porta da frente, Donna agarrou o rádio preso ao ombro.

— Aqui é a policial Koppel na Montgomery, 421, local de onde recebemos o comunicado da ocorrência de tiros.

— Prossiga, policial.

— Tenho uma testemunha ao meu lado que confirma os tiros disparados no interior da casa. Solicito reforços enquanto avalio a casa.

— Entendido. Reforços a caminho. Estão a três minutos de distância.

— Tenho muitas armas, senhora — revelou o vizinho prestativo. — É só pedir que eu posso dar todo o apoio necessário.

— Fique onde está — disse ela e começou a se dirigir para a casa.

Ao ser iluminada pelo feixe de luz do farol do carro, Donna viu a sua sombra se alongar, até escalar a fachada da casa e pairar sobre ela como um fantasma. Donna tirou a lanterna do cinto e iluminou as janelas da frente, mas as cortinas bloquearam a sua visão. Ao alcançar a varanda, ela bateu na porta com a lanterna.

— Polícia! Abra a porta.

Diante da falta de resposta, Donna olhou para trás e viu o grupo de vizinhos observando da rua. Felizmente, as luzes de outra viatura piscaram a distância, indicando a chegada de reforços. Um minuto depois, ela estava na varanda com outros dois policiais. Um terceiro tinha ido até os fundos da casa para dar uma olhada. Naquele momento, a sua voz ecoou pelo rádio.

— Aqui nos fundos, silêncio total. Nenhuma luz acesa. Nenhum sinal de vida.

Como Donna tinha sido a primeira a chegar, a ocorrência estava sob o seu comando. Ela girou a maçaneta e a porta da frente se abriu de imediato, deixando-a surpresa pelo fato de estar destrancada. Donna olhou para os colegas policiais, que acenaram com a cabeça. Com as armas em punho, entraram na casa.



# 2

*Tribunal distrital*

*Quinta-feira, 26 de setembro de 2013*

*15h30*

## **GARRETT VOLTOU À TRIBUNA E POSICIONOU AS MÃOS COM**

calma nas laterais do púlpito. Ele consultou as suas anotações.

— Naquele momento, ao entrar na casa, qual era o seu estado de espírito? No que a senhora estava pensando?

Donna fez uma pausa.

— Eu estava nervosa.

— Um vizinho dos Quinlan se aproximou da senhora e lhe disse que ouviu claramente tiros vindos do interior da casa deles. Qualquer um se sentiria nervoso diante da situação. É uma emoção bastante plausível. Mas o que mais a senhora e os outros policiais sentiram?

— Protesto, meritíssimo! — exclamou Bill Bradley. Ele era o principal advogado de defesa do estado da Virgínia. — A policial Koppel não pode dar a sua opinião a respeito de como os outros policiais se sentiram naquela noite.

— Protesto deferido — afirmou o juiz.

— Além de nervosismo, o que mais *a senhora* sentiu? — continuou Garrett.

— Muita adrenalina.

— Então a senhora estava dominada pelo nervosismo e pela adrenalina. Em sua opinião, os demais policiais estavam sentindo a mesma coisa?

— Protesto! — exclamou Bill Bradley.

— Estou perguntando à policial Koppel a respeito do estado de espírito dela ao entrar na casa, e não aos colegas policiais.

— Protesto indeferido — afirmou o juiz. — Prossiga, sr. Lancaster.

— Então, a senhora estava nervosa e cheia de adrenalina. Achou que os seus colegas policiais estavam sentindo as mesmas emoções?

— Sim.

— Em seus dezoito anos de atuação na polícia de McIntosh, a senhora já tinha atendido a uma ocorrência de tiroteio ou que envolvia um atirador ativo?

— Não.

— Alguns dos outros policiais com a senhora naquela noite já tinham atendido a uma ocorrência semelhante?

— Não.

— Então, entrar na casa com a suspeita de que havia um atirador ativo lá dentro foi uma nova experiência para a senhora?

— Sim.

— Além do treinamento recebido no departamento para situação semelhante, a senhora não tinha experiência prática?

— Não.

— Parece razoável concluir, policial Koppel, que lidar com uma situação tensa, perigosa e única, com a qual a senhora não tinha experiência, gerou a possibilidade de que as coisas pudessem ser malconduzidas?

Donna fez uma pausa e, então, engoliu em seco.

— Sim.

— Nervosos e cheios de adrenalina, é possível que os quatro policiais, que se viram numa situação diante da qual nunca haviam estado, tenham interpretado mal a cena na casa dos Quinlan?

— Sim.

— Sabendo o que a senhora sabe hoje, teria lidado de outra forma naquela noite?

Lágrimas brotaram nos olhos de Donna quando ela respondeu:

— Sim.

— A senhora pode relatar ao tribunal o que encontrou ao entrar na casa dos Quinlan na noite de 15 de janeiro?

Donna respirou fundo para acalmar os nervos, piscou para enxugar as lágrimas e contou ao tribunal o que ela e os seus colegas policiais descobriram dentro da casa.

# MCINTOSH, VIRGÍNIA

15 DE JANEIRO DE 2013

00H54

— **O**lá? — gritou Donna ao entrar na casa, empunhando a pistola. —  
Polícia! Tem alguém em casa?

Era quase uma da manhã, a casa estava escura, e a última coisa que ela queria era surpreender o proprietário da casa armado no meio da noite caso aquilo fosse um grande mal-entendido. Ela e os seus colegas fizeram o máximo de barulho possível no vestíbulo.

— Polícia! — repetiu ela. — Tem alguém em casa?

— A polícia está na sua casa! — exclamou outro policial. — Tem alguém aqui?

A casa respondeu com um silêncio sinistro. Os policiais se dividiram, acendendo as luzes enquanto se moviam pelo primeiro andar. Nada estava fora do lugar e não havia sinais de arrombamento. Donna acendeu a luz do vestíbulo. O corredor do andar de cima era ladeado por uma grade de proteção que dava vista para o vestíbulo de teto aberto. Ela começou uma lenta subida pela escada, com a arma apontada para a frente. Ao se aproximar do patamar do segundo andar, Donna conseguiu ver o outro extremo do corredor através das hastes da grade de proteção. A porta de um dos quartos estava bastante danificada e dependurada no batente.

— Aqui em cima! — gritou ela para os outros policiais, que se reuniram depressa com as armas em punho e subiram a escada correndo para se juntarem a Donna. — Quarto ao final do corredor. Parece que a porta foi arrombada — disse ela, ainda agachada num degrau e incapaz de ver a suíte principal à direita do patamar. — Vou na frente. Me deem cobertura.

Os policiais atrás dela começaram uma lenta subida pelos degraus, um por um. Assim que Donna chegou ao patamar, o massacre do lado de fora da suíte principal ficou à vista. Um garoto jazia no chão. A poça de sangue ao seu redor e o ferimento no peito contaram uma história imediata. De fato, o vizinho tinha ouvido tiros.

— Puta merda! — exclamou Donna, arfando com um aperto no peito.

Os policiais subiram às pressas os degraus restantes e se agacharam, apontando as suas armas para a porta aberta da suíte principal. Donna teve a sensação repentina de que o atirador ainda estava dentro da casa. Ela agarrou o rádio preso ao ombro.

— Solicitando reforço e assistência médica na Alameda Montgomery, 421. Pelo menos uma vítima de disparo de arma de fogo no interior da residência.

— Entendido — reverberou uma voz pelo rádio. — O reforço está a caminho. Enviando também ambulância e paramédico.

Donna indicou a suíte principal. Procurou não olhar para o garoto estendido no chão, concentrando-se no aposento e no que poderia estar esperando ali dentro. Ao se aproximar da entrada, ouviu um barulho e ergueu a mão para que os policiais atrás dela parassem. Ela prestou atenção até confirmar o que achava ter escutado: choro. E vinha da suíte. Donna avançou e o choro ficou mais alto. Parecia infantil.

— Polícia! — gritou ela, com as costas apoiadas contra a parede. — Mãos ao alto, entendido?

O choro prosseguiu, mas sem nenhuma resposta verbal. Com a adrenalina a mil, Donna aliviou a pressão que estava aplicando no gatilho da sua arma, sabendo que não seria preciso muito para acioná-lo. Passou por cima do garoto morto e entrou no aposento. Agachou-se, preparando-se para atirar, apontando a arma para dentro da suíte. Ficou confusa com o que viu. Uma adolescente estava sentada no chão com as costas apoiadas junto ao pé da cama, sua camisola estava manchada de sangue e uma espingarda calibre 12 estava em seu colo. Atrás da garota, o corpo de dois adultos jazia na cama, o lençol coberto de sangue. Respingos vermelhos cobriam a parede logo atrás.

Donna tentou entender a cena. Os corpos. A garota. A espingarda.

— Mãos ao alto! — ordenou Donna, apontando a arma para a suspeita, que continuou chorando, mas obedeceu a ordem e levantou os braços.

Enquanto Donna mantinha a arma apontada para a suspeita, outro policial entrou correndo e pegou a espingarda do colo dela. Um terceiro policial deitou a garota no chão com o rosto para baixo e algemou as mãos dela atrás das costas. O quarto policial vasculhou o aposento e confirmou que ninguém mais estava presente.

Donna se aproximou devagar da garota aos prantos, gesticulando para o policial lhe dar algum espaço. Além de ser a primeira policial a atender a ocorrência, Donna era a única mulher presente e parecia natural que fosse ela quem falasse com a garota. Ela ajudou a suspeita a se sentar e, ao fazê-lo, deu uma olhada mais de perto no sangue que cobria a sua camisola.

— Os meus pais estão mortos — disse a garota.

— Você atirou neles?



— O meu irmão também.

— Você atirou neles? — Donna repetiu a pergunta.

Os olhos da garota estavam arregalados ao olhar para Donna.

— Estão todos mortos.

— Qual é o seu nome?

O choro da garota diminuiu.

— Alexandra Quinlan.

## CONHEÇA OS OUTROS LIVROS DO AUTOR

